

A Dei Verbum e a leitura semiótica da Escritura na cultura midiática

*Dei Verbum and the semiotic reading of scripture
in media culture*

José Aguiar Nobre
Chaybom Anttone Rufino
Rafaela Caroline Ferreira

Resumo

Este artigo propõe uma leitura integradora que articula os princípios hermenêuticos da Constituição Dogmática *Dei Verbum* (1965) com os enfoques contemporâneos da semiótica e da comunicação simbólica, considerando especialmente a cultura visual e as linguagens digitais. Com base na interação Escritura–Tradição–Magistério, destacada pela *Dei Verbum*, investiga-se de que modo a Revelação cristã pode ser compreendida como um processo comunicacional multiforme, capaz de dialogar com novos contextos e exigindo linguagens interpretativas inovadoras. A partir das contribuições de teóricos da semiótica, como Peirce, Barthes e Eco, e da comunicação religiosa, como Ferrara e Martino, o estudo analisa a Palavra de Deus enquanto signo teológico, destacando a função mediadora das imagens e propondo uma exegese que seja simultaneamente simbólica, espiritual e pastoral. Ao mesmo tempo, reflete-se sobre os desafios e oportunidades da evangelização na cultura digital, sugerindo uma *ciberteologia* atenta aos novos signos do tempo. A convergência entre Palavra e imagem, tradição e inovação, é apresentada como caminho fecundo e estratégico para a missão da Igreja no século XXI.

Palavras-chave: *Dei Verbum*. Comunicação religiosa. Leitura semiótica. Imagem. Revelação.

Abstract

This article proposes an integrative reading that connects the hermeneutical principles of the Dogmatic Constitution *Dei Verbum* (1965) with contemporary approaches in semiotics and symbolic communication, particularly considering visual culture and digital languages. Based on the interaction of Scripture–Tradition–Magisterium highlighted in *Dei Verbum*, it investigates how Christian Revelation can be understood as a multifaceted communicational process, capable of engaging new contexts and requiring innovative interpretative languages. Drawing on contributions from semiotic theorists such as Peirce, Barthes, and Eco, as well as from religious communication scholars like Ferrara and Martino, the study analyzes the Word of God as a theological sign, emphasizing the mediating role of images and proposing an exegesis that is simultaneously symbolic, spiritual, and pastoral. At the same time, it reflects on the challenges and opportunities of evangelization in the digital culture, suggesting a *cyberteology* attentive to the new signs of the times. The convergence of Word and image, tradition and innovation, is presented as a fertile and strategic path for the Church’s mission in the twenty-first century.

Keywords: *Dei Verbum*. Religious communication. Semiotic reading. Image. Revelation.

Introdução

A promulgação da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, em 18 de novembro de 1965, pelo Concílio Vaticano II, marcou uma das mais profundas revoluções hermenêuticas da teologia cristã contemporânea. Rompendo com perspectivas fragmentadas e defensivas do passado, *Dei Verbum* apresentou uma visão dinâmica da Revelação, entendida como o diálogo de Deus com a humanidade ao longo da história, cuja plenitude se dá na pessoa de Jesus Cristo. Ao articular de forma orgânica a tríade Escritura–Tradição–Magistério, o documento oferece as bases para uma teologia que é, ao mesmo tempo, fiel às suas raízes e aberta ao mundo em transformação.

Mais do que um tratado dogmático, a *Dei Verbum* lançou as sementes e as bases para um novo modo de compreender a relação entre fé, linguagem e cultura. Em tempos marcados por mudanças nas formas de comunicação e pelas novas linguagens simbólicas da contemporaneidade — especialmente visuais, digitais e imagéticas —, torna-se urgente redescobrir o lugar da Palavra de Deus não apenas como texto, mas como signo vivo e simbólico em diálogo com os códigos culturais atuais, cujo encontro efetiva um novo *ethos* na cultura hodierna.

Em vista deste entendimento, neste artigo se propõe a explorar precisamente esse encontro e que levanta a questão: como os princípios hermenêuticos de *Dei Verbum* podem dialogar fecundamente com a leitura semiótica contemporânea, especialmente no contexto da cultura midiática e da comunicação simbólica? Para isso, tomam-se como referência tanto os fundamentos teológicos do documento conciliar quanto as contribuições da semiótica cultural (Peirce, Barthes, Eco) e dos estudos de comunicação religiosa (Ferrara, Martino), visando compreender a Revelação (cristã como processo comunicacional encarnado e multiforme.

A justificativa dessa reflexão encontra-se no contexto atual, marcado por uma verdadeira saturação de signos e imagens, que transformam não apenas a linguagem, mas também as formas de crer, rezar e viver a fé. Como discernir, nesse emaranhado simbólico, a presença da Palavra viva? Como reinterpretar a Escritura à luz da cultura visual e digital sem diluir sua identidade teológica? Como integrar a tradição hermenêutica da Igreja com os desafios da *cibercultura*?

A partir dessas perguntas, o artigo se estrutura em sete seções articuladas, que percorrem os fundamentos da *Dei Verbum*, os princípios da semiótica, o papel da imagem na Revelação, a leitura simbólica da Escritura, a provocação das mídias digitais e, por fim, as convergências e tensões que emergem desse diálogo. A intenção não é esgotar o tema, mas abrir caminhos para uma teologia que seja, ao mesmo tempo, fiel à Palavra e sensível aos signos do tempo presente.

1. A revolução hermenêutica da *Dei Verbum*

A promulgação da Constituição Dogmática *Dei Verbum* pelo Concílio Vaticano II, em 18 de novembro de 1965, representou uma virada hermenêutica decisiva na teologia católica. Ao redefinir os fundamentos da Revelação divina, o documento operou uma síntese entre Escritura, Tradição e Magistério,

promovendo um paradigma mais orgânico e integrador da comunicação salvífica de Deus. Como afirma o texto conciliar, “a sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da Palavra de Deus, confiado à Igreja”¹.

A estruturação dessa tríade — Escritura, Tradição e Magistério — articula-se de modo recíproco: a Escritura como Palavra escrita inspirada; a Tradição como sua transmissão viva no tempo; e o Magistério como o serviço de interpretação autêntica. Essa articulação supera visões dicotômicas e garante, ao mesmo tempo, fidelidade à Revelação e abertura à escuta contínua do Espírito na história. Como sublinha o texto, “o ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus, escrita ou transmitida, foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja”².

Outro ponto fundamental da *Dei Verbum* está no reconhecimento da comunidade eclesial como sujeito interpretativo da Escritura. A hermenêutica bíblica não é monopólio de especialistas, mas missão compartilhada por todo o Povo de Deus, guiado pelo mesmo Espírito que inspirou os autores sagrados. O documento conciliar insiste: “a Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada à luz do mesmo Espírito mediante o qual foi escrita”³. Isso implica considerar simultaneamente o sentido literal, a unidade de toda a Escritura, a Tradição viva da Igreja e a analogia da fé.

No centro dessa dinâmica hermenêutica está Cristo como plenitude da Revelação, conforme reafirmado o próprio documento: “Aprova a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério da sua vontade, pelo qual os homens, por meio de Cristo, Verbo feito carne, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina”⁴. A Revelação, portanto, não é apenas um conjunto de doutrinas, mas um encontro com a Pessoa do Verbo encarnado, cuja presença perpassa toda a Escritura.

Por fim, a *Dei Verbum*⁵ apresenta uma imagem emblemática da função da Escritura na vida da Igreja, na qual ela é chamada de “alma da teologia”⁶,

¹ DV 10.

² DV 10.

³ DV 12.

⁴ DV 2.

⁵ DV 24.

⁶ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 201-235.

expressão que retoma uma longa tradição Patrística e Escolástica. Esse princípio oferece base para o diálogo entre a teologia e outras linguagens simbólicas — como a arte, a literatura, a fotografia e os meios de comunicação —, pois todas essas linguagens, quando atravessadas pela Palavra, podem tornar-se espaços de manifestação da Revelação. Como afirma Pedrosa, a Palavra de Deus, quando encarnada nos signos da cultura, pode ser “experiência de mediação teológica”⁷ e não apenas transmissão informativa.

Portanto, *Dei Verbum* não apenas sistematiza os dados da Revelação cristã, mas inaugura um novo modo de pensar a relação entre fé, linguagem e cultura. Essa revolução hermenêutica permite que a Palavra divina seja continuamente relida, interpretada e vivida em contextos novos, sem perder sua identidade salvífica.

1.1. Fundamentos da leitura semiótica

A leitura semiótica parte do princípio de que toda realidade vivida, narrada e/ou representada é mediada por signos. Como ciência dos signos, a semiótica tem suas raízes nas formulações pioneiras de Peirce, que definiu o signo como “algo que representa algo para alguém em algum aspecto”⁸. Essa tríade — signo, objeto e interpretante — inaugura uma forma de leitura que ultrapassa o conteúdo imediato da mensagem, interrogando os processos de construção de sentido. Peirce classifica os signos em ícones, índices e símbolos, categorias que continuam influentes na análise de fenômenos comunicacionais e religiosos.

No contexto europeu, autores como Barthes⁹ e Eco¹⁰ ampliaram a semiótica para o campo da cultura, compreendendo-a como um sistema estruturado de signos e códigos. Barthes, especialmente em *Mitologias*, demonstrou como o discurso cultural se apropria de signos cotidianos e os eleva à categoria de mitos modernos¹¹. Já Eco, em sua obra “*A estrutura ausente*”,

⁷ PEDROSA, V., Catequese Trinitária, p. 240.

⁸ PEIRCE, C. S., Semiótica, p. 10.

⁹ BARTHES, R., Mitologias.

¹⁰ ECO, U., Tratado geral de semiótica.

¹¹ BARTHES, R., Mitologias.

aprofundou a relação entre signo e interpretação, ressaltando a polissemia e a abertura do texto como parte de uma semiótica da cultura¹².

Neste horizonte, a leitura semiótica pode ser definida como um método de interpretação cultural que considera a articulação entre significante, significado e referente, tal como elaborada por Saussure¹³, e posteriormente reinterpretada por Peirce¹⁴ e Barthes¹⁵. Essa tríade permite compreender que todo signo depende de um código cultural compartilhado, sem o qual não há sentido inteligível. Martino sublinha que os códigos constituem conjuntos normativos que organizam os signos e determinam os modos pelos quais eles podem produzir sentido — o que inclui linguagens religiosas, litúrgicas e visuais¹⁶.

Na área da comunicação religiosa e simbólica, destacam-se as contribuições de Ferrara, que propõe o conceito de mediação simbólica como chave hermenêutica da cultura contemporânea. Segundo Ferrara, a experiência do sagrado se inscreve em práticas mediadoras que “produzem sentidos sociais, culturais e existenciais, atravessando linguagens verbais e não verbais, do rito ao corpo, da imagem à arquitetura”¹⁷. A autora reforça que a religião não deve ser reduzida a um sistema fechado, mas compreendida como um campo simbólico em constante relação com os meios e com a experiência humana.

Esse enfoque semiótico permite perceber que a Revelação, conforme proposta pela Constituição Dogmática *Dei Verbum*, também é mediada por signos, a saber: os textos bíblicos, os sacramentos, os ícones, os gestos litúrgicos. A Palavra de Deus se comunica através de linguagens simbólicas múltiplas, que requerem leitura atenta dos signos e dos contextos de recepção. O símbolo, nesse caso, não é apenas sinal decorativo, mas veículo eficaz da presença divina, o símbolo teológico remete a uma realidade que o transcende, mas da qual participa efetivamente.¹⁸

Portanto, a semiótica oferece à teologia um instrumental fértil para o diálogo com a cultura, pois permite decifrar os códigos da contemporaneidade à luz da Palavra. Ao aplicar uma hermenêutica semiótica à *Dei Verbum*, não se

¹² ECO, U., A estrutura ausente.

¹³ SAUSSURE, F. de., Curso de linguística geral.

¹⁴ PEIRCE, C. S., Semiótica.

¹⁵ BARTHES, R., Mitologias.

¹⁶ MARTINO, L. M. S., Comunicação e identidade, p. 73.

¹⁷ FERRARA, L. D. A., A comunicação que não vemos, p. 44.

¹⁸ PEDROSA, V., Catequese Trinitária, p. 245.

busca reduzir a Revelação ao plano da comunicação técnica, mas compreender como a Palavra se encarna nos signos culturais e pode ser reconhecida, interpretada e vivida como presença salvífica.

1.2. Palavra, imagem e mediação: aproximações

A Constituição *Dei Verbum* estabelece um princípio fundamental para compreender a Revelação divina: Deus fala à humanidade “à maneira humana”¹⁹. Isso implica reconhecer que a comunicação divina assume mediações — linguísticas, históricas, culturais e simbólicas. A Palavra de Deus não é abstrata ou desencarnada, mas se faz signo, texto, voz, corpo e imagem. Essa mediação não é obstáculo, mas condição do encontro com o Mistério.

1.3. A Palavra como signo teológico

Na perspectiva da teologia simbólica, a Palavra de Deus deve ser compreendida como signo teológico pleno, isto é, como uma realidade mediadora e sacramental que, ao mesmo tempo em que remete a um mistério transcendente, participa dele de forma real e eficaz. Tal concepção é tributária de uma longa tradição teológica — da Patrística à teologia contemporânea — que reconhece no símbolo não uma abstração, mas um modo concreto de manifestação do divino no histórico, especialmente no âmbito da Revelação.²⁰

A linguagem bíblica, sob esse prisma, é essencialmente simbólica: está repleta de metáforas, narrativas, analogias, imagens visuais e poéticas, que traduzem a experiência do Deus vivo em termos acessíveis à condição humana. O símbolo, neste contexto, não apenas representa, mas torna presente. Assim, as palavras da Escritura — embora humanas, históricas e culturalmente situadas — se tornam veículo da Palavra eterna, onde o *Logos* se manifesta sob as vestes do signo.

Nesse horizonte, a Escritura pode ser descrita como uma iconografia verbal, em que a economia do Verbo encarnado se estende ao nível textual. Cada narrativa, cada imagem, cada figura bíblica carrega em si um potencial de revelação multiforme: literal, moral, espiritual e místico — como bem destacavam os Padres da Igreja. O texto sagrado, assim, não se reduz à letra,

¹⁹ DV 13.

²⁰ PEDROSA, V., *Catequese Trinitária*, p. 246.

mas se abre ao Espírito, convidando o intérprete a uma leitura que una razão e fé, ciência e contemplação.

A relação entre signo e mistério, tão presente na teologia sacramental, também estrutura a hermenêutica bíblica à luz da *Dei Verbum*. Ao afirmar que a Escritura deve ser lida “à luz do mesmo Espírito mediante o qual foi escrita”²¹, o Concílio Vaticano II não apenas legitima a multiplicidade de sentidos, mas aponta para a necessidade de uma hermenêutica espiritual e eclesial, capaz de discernir, sob a superfície do texto, a presença viva do Ressuscitado.

Nesse sentido, a Palavra de Deus, enquanto signo teológico, é simultaneamente oculta e reveladora, histórica e eterna, particular e universal. Seu caráter simbólico exige, por parte da comunidade crente, uma escuta obediente e uma interpretação discernida, que reconhece tanto a densidade teológica de sua forma quanto a inesgotável profundidade de seu conteúdo.

1.4. Imagem e fotografia como mediações do sentido

Esse dinamismo da Palavra abre espaço para considerar outras formas de mediação simbólica, como a imagem, especialmente no contexto da cultura visual contemporânea. Em uma era marcada pela hegemonia do olhar e pela multiplicação dos dispositivos imagéticos, torna-se imprescindível incluir a linguagem visual na reflexão teológico-hermenêutica. A fotografia, em particular, destaca-se como um dos signos mais potentes da modernidade, pois conjuga o registro do real com a carga simbólica do olhar subjetivo e culturalmente moldado. Como aponta Guimarães: “a fotografia possui densidade semiótica e afetiva; ela não apenas mostra, mas evoca, afeta e interpreta”²². Em sintonia com essa perspectiva, Bacha reforça que a imagem fotográfica não é um mero reflexo do mundo, mas um ato de mediação interpretativa, que constrói narrativas visuais, mobiliza o imaginário e provoca ressonâncias afetivas e espirituais²³.

No campo da teologia da comunicação, essa compreensão adquire particular relevância. A Revelação divina, conforme a *Dei Verbum*, se dá por palavras e gestos, ou seja, por mediações humanas que tornam visível e audível

²¹ DV 12.

²² GUIMARÃES, A., Uma foto vale mais que mil palavras, p. 45.

²³ BACHA, M. de L., As relações entre o pragmatismo e a ética.

a Palavra eterna²⁴. Nesse sentido, pode-se afirmar que a imagem, sobretudo em sua forma fotográfica, possui potencial sacramental: ela torna presente o ausente, sugere o invisível e convoca o olhar crente a discernir vestígios da graça no cotidiano.

Na esfera religiosa, essa potência simbólica da imagem visual encontra terreno fértil e fecundo. A imaginação religiosa — operante nos ícones, fotos devocionais, vídeos litúrgicos, artes sacras e memes catequéticos — age entre dois polos hermenêuticos: de um lado, a literalidade, que busca fidelidade histórica e documental; de outro, a espiritualidade, que projeta significados transcendentais e escatológicos. Essa tensão, longe de ser um impasse, constitui o próprio campo fértil da fé cristã, que sempre se nutriu de signos sensíveis para expressar o invisível²⁵.

A comunicação religiosa contemporânea, cada vez mais mediada pelas mídias digitais e marcada por uma estética do sensível e do compartilhável, exige uma nova hermenêutica das imagens — não meramente crítica ou artística, mas teológica e pastoral. Tal hermenêutica deve reconhecer que as imagens não apenas transmitem mensagens, mas criam atmosferas de sentido, tocam afetos e reconfiguram experiências de fé. A teologia, por sua vez, é desafiada a repensar o seu compromisso com a Palavra não apenas como texto, mas como fenômeno simbólico *multissemiótico*.

Essa sensibilidade dialoga com os fundamentos da semiótica contemporânea, que compreende o signo como lugar de encontro entre sujeito, cultura e linguagem. Ao integrar imagem e Palavra, signo e mistério, a teologia da comunicação se mostra capaz de responder aos desafios do tempo presente sem perder sua raiz sacramental. Afinal, como ensina a tradição cristã, Deus mesmo se fez imagem: visível na carne do Verbo, nos gestos do Ressuscitado e — hoje — nos traços simbólicos que marcam a fé em rede e em movimento.

1.5. Mediação e cultura religiosa

Lucrécia D'Alessio Ferrara propõe compreender a comunicação religiosa como um campo simbólico mediado, no qual as imagens, os textos, os gestos e os rituais se tornam verdadeiros “dispositivos de sentido” — isto é,

²⁴ DV 13.

²⁵ DV 12.

estruturas semióticas que condensam, expressam e transmitem significados densos, espirituais e culturais. Nessa perspectiva, a imagem não se contrapõe à Palavra, mas a prolonga em outra gramática, oferecendo novos canais sensíveis e cognitivos para a experiência do sagrado. A fotografia de um ato litúrgico, a imagem de um santo impressa em um santinho, a iconografia digital em aplicativos devocionais ou até mesmo o *layout* de um *website* paroquial são formas contemporâneas da mediação simbólica da fé, que exigem interpretação à luz de uma teologia da comunicação enraizada na Revelação.

Essa compreensão exige que a Revelação cristã seja pensada para além da Palavra escrita. Como aponta *Dei Verbum*, o próprio Deus, ao comunicar-se com a humanidade, “falou por meio de homens e à maneira humana”²⁶. Isso inclui não apenas o conteúdo verbal, mas também o gesto, a imagem, o rito, o silêncio e o olhar — elementos que, no contexto contemporâneo, são amplificados pelas mídias digitais e pelas linguagens visuais. A Palavra de Deus, portanto, não é apenas texto: é gesto revelador, imagem simbólica, evento comunicativo. Ela se dá também como Palavra vivida, encarnada, visualmente perceptível — como presença do *Logos* na carne do mundo.

Uma teologia da comunicação, fiel ao espírito da *Dei Verbum*, é chamada a integrar a linguagem verbal e a linguagem visual como expressões complementares e convergentes da presença de Deus. A imagem, nesse horizonte, não é um concorrente da Palavra, nem uma distração estética: ela é aliada teológica, espaço de manifestação simbólica do divino, veículo pastoral e instrumento catequético eficaz. Como ensina Ferrara, a imagem religiosa — quando lida em chave simbólica e eclesial — tem o poder de gerar vínculo, afetividade e comunhão, participando do processo de evangelização como mediadora do sentido da fé²⁷.

Em uma cultura cada vez mais regida pela lógica do visual, reconhecer a função teológica da imagem é não apenas uma exigência acadêmica, mas uma urgência pastoral e eclesiológica. A Palavra, para ser plenamente comunicada hoje, precisa ganhar corpo nos signos do presente — e isso inclui ícones, símbolos, memes, vídeos e todos os dispositivos simbólicos que podem tornar o Evangelho mais visível, sensível e comunicável, sem jamais diluí-lo. Essa integração harmoniosa entre Palavra e imagem, entre tradição e linguagem

²⁶ DV 13.

²⁷ FERRARA, L. D. A., A comunicação que não vemos.

cultural, revela-se como uma via promissora para a missão evangelizadora da Igreja no século XXI.

2. Leitura semiótica da Escritura: uma abordagem ampliada

A *Dei Verbum* afirma que “a Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada à luz do mesmo Espírito mediante o qual foi escrita”²⁸, introduzindo uma visão hermenêutica que reconhece a profundidade simbólica e teológica dos textos bíblicos. Tal leitura não se limita ao plano literal, mas convida a uma decodificação espiritual, histórica e simbólica dos signos sagrados que estruturam a Revelação.

2.1. Exegese como Decodificação de Signos

A exegese bíblica, nesse horizonte ampliado, pode ser entendida como um processo de decodificação de signos sagrados — uma tarefa hermenêutica que, longe de se restringir à análise literária ou histórica, busca penetrar nas múltiplas camadas de sentido que a Escritura oferece. Cada texto bíblico pode ser concebido como um nó semiótico entre o divino e o humano, no qual convergem linguagens culturais, experiências religiosas, estruturas narrativas e símbolos espirituais. A Palavra de Deus, ao assumir forma humana, histórica e cultural, se reveste de signos que exigem discernimento espiritual, sensibilidade estética e rigor interpretativo.

Nesse contexto, a semiótica oferece um aparato conceitual valioso, ao distinguir três componentes essenciais no processo de significação: o signo (a forma sensível — palavra, imagem, gesto, símbolo), o significado (seu conteúdo imediato — contexto histórico, intenção comunicativa) e o referente (a realidade última para a qual o signo aponta — neste caso, o mistério de Deus). Aplicada à Escritura, essa tríade ajuda a perceber que o texto bíblico não é um fim em si, mas um meio sacramental de Revelação, um caminho de acesso ao Deus que se comunica através da linguagem humana.

Assim, a exegese deixa de ser apenas uma ciência da análise textual para se tornar também um ato de escuta, uma leitura espiritual dos signos, conforme propõe

²⁸ DV 12.

Dei Verbum, que exige ser feita “no mesmo Espírito mediante o qual foi escrita”²⁹. Trata-se de integrar os níveis literal, simbólico e teológico em uma abordagem que reconhece o texto bíblico como um campo de densidade simbólica e espiritual, no qual a Palavra não apenas informa, mas forma e transforma.

Além disso, ao assumir a Escritura como um sistema simbólico de alta complexidade, a leitura semiótica permite superar tanto o fundamentalismo literalista quanto a redução racionalista, abrindo espaço para uma hermenêutica que dialoga com a arte, a liturgia, a cultura visual e os afetos. A Bíblia, então, não é apenas um livro: é uma galeria de imagens verbais, um teatro de signos vivos, um espaço de encontro com o mistério.

Portanto, ler a Escritura em chave semiótica é, em última instância, reencontrar a Palavra como acontecimento comunicativo, onde o símbolo se torna ponte entre o visível e o invisível, entre o tempo e a eternidade, entre o texto e a vida.

2.2. Tradição Patrística: Leitura tipológica e simbólica

A tradição Patrística oferece um modelo exemplar — e surpreendentemente atual — de leitura semiótica da Escritura, na medida em que reconhece que o texto bíblico não se limita a um único plano de sentido. Orígenes, por exemplo, em sua Homilia sobre o Cântico dos Cânticos, distingue entre os sentidos literal, moral e espiritual (este último subdividido em alegórico e anagógico), propondo que o leitor deve avançar, guiado pela fé e pelo Espírito, do sentido superficial para o mais profundo — como quem descobre um tesouro oculto sob o véu da letra. Agostinho, por sua vez, afirma que “a Escritura cresce com quem a lê” (Gn 1,1), sugerindo um dinamismo hermenêutico no qual o signo bíblico é sempre maior do que sua aparência.

Essa *multivocidade* do texto sagrado não é arbitrária: trata-se de uma estrutura simbólica teológica, em que cada palavra, personagem ou evento do Antigo Testamento (figura) é tipo ou sinal de realidades futuras (cumprimento em Cristo, presente no Novo Testamento). A leitura tipológica, nesse sentido, é a expressão de uma semiótica sacra: os signos textuais — como o cordeiro pascal, o êxodo, o templo — não encerram em si o significado, mas apontam

²⁹ DV 12.

para realidades transcendentais, como o sacrifício de Cristo, a libertação escatológica e a Igreja como novo templo.

Gregório Magno, no Comentário moral ao Livro de Jó, retoma essa lógica que a Escritura é como um rio, no qual tanto o cordeiro pode andar quanto grande o elefante pode nadar³⁰. Ou seja, ela oferece significados para o leitor simples e para o mais avançado — exatamente por conter níveis simultâneos de sentido, todos interligados por uma lógica espiritual que só pode ser desvelada à luz da fé.

Em chave contemporânea, é possível afirmar que os Padres da Igreja já praticavam uma hermenêutica semiótica, ainda que sem esse nome. Eles liam a Escritura como um tecido simbólico, no qual cada signo textual aponta para um sentido maior, uma realidade outra — em última instância, para Cristo como plenitude da Revelação³¹. Essa abordagem Patrística inspira, ainda hoje, modelos de leitura simbólica e tipológica que vão além do sentido literal e ajudam a integrar a Palavra de Deus com os anseios da cultura, da imaginação e da espiritualidade.

2.3. Hermenêutica em múltiplos níveis

A Pontifícia Comissão Bíblica, especialmente nos documentos *A Interpretação da Bíblia na Igreja* e *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, reconhece e acolhe a complexidade inerente ao ato de interpretar as Escrituras. Ela reafirma que a exegese bíblica não pode ser reduzida a um único método ou abordagem, mas deve integrar, de forma articulada e complementar, perspectivas críticas, literárias, teológicas e espirituais. Tal visão representa um avanço decisivo na superação de dicotomias herdadas do passado — entre ciência e fé, entre literalidade e espiritualidade, entre historicidade e inspiração.

No documento de 1993, a Comissão enfatiza que o método histórico-crítico continua indispensável, sobretudo para a reconstrução do contexto original do texto bíblico. No entanto, adverte que ele não esgota o sentido do texto, sendo necessário integrá-lo a outras abordagens que considerem o sentido teológico e o papel do leitor e da comunidade de fé no processo hermenêutico³².

³⁰ GREGÓRIO MAGNO, Comentário moral ao Livro de Jó, Praefatio, 4.

³¹ DV 2.

³² PONTIFICIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, Cap I.

Já em *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, publicado em 2014, o horizonte é ampliado: o texto sagrado é visto como fruto de uma dupla autoria — divina e humana — e, portanto, carrega uma verdade salvífica que transcende a simples verificação factual. A Comissão afirma: “a verdade da Escritura não deve ser reduzida ao aspecto factual ou histórico, mas compreendida à luz de sua finalidade salvífica e teológica”³³.

Neste contexto, a leitura simbólica ou semiótica da Escritura não se apresenta como alternativa “espiritualizada” à análise científica, mas como seu desdobramento complementar. Ela parte do princípio de que a Bíblia comunica por meio de signos históricos e espirituais, cuja riqueza semântica não pode ser compreendida em um único nível de sentido. Assim, a hermenêutica holística proposta pela Comissão visa não apenas à elucidação do texto, mas à sua atualização e inculturação, em diálogo com os desafios contemporâneos.

Dessa forma, a atuação da Pontifícia Comissão Bíblica no documento interpretação da Bíblia na Igreja³⁴ reforça a necessidade de uma exegese integral, que seja simultaneamente fiel à Tradição, aberta ao rigor científico, e sensível às mediações simbólicas da cultura. Trata-se de um convite a recuperar a densidade do texto sagrado como espaço teológico, pastoral e espiritual, capaz de iluminar, transformar e sustentar a fé da Igreja.

2.4. A imagem como provocação hermenêutica: o exemplo da “menina de Napalm”

A leitura semiótica da Escritura pode ainda ser ampliada por meio da imagem, entendida como signo visual que provoca interpretação. Um exemplo poderoso é a fotografia da “menina de Napalm”³⁵ (Phan Thi Kim Phuc), capturada em 1972 durante a Guerra do Vietnã. A imagem dessa criança correndo nua e queimada após um bombardeio tornou-se um ícone do sofrimento humano.

Interpretada à luz da Escritura, a imagem da “menina de Napalm” pode ser lida como um signo profético e teológico: evoca o sofrimento dos inocentes, a brutalidade do pecado humano e a necessidade de redenção. Assim como a

³³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, Parte I, cap. II.

³⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, I, A, 2; II, B; III, C.

³⁵ BLOG DO ACERVO. ‘Garota Napalm’: Como está a menina da foto que virou símbolo da Guerra do Vietnã, há 50 anos.

cruz de Cristo é o signo por excelência da dor redentora, a imagem de Kim Phuc remete a uma leitura pascal da história — da dor que clama por esperança, da morte que aponta para a vida. É uma hermenêutica do real à luz do Evangelho.

3. Igreja em Rede: o desafio da *Ciberteologia*

A era digital não se reduz a uma inovação tecnológica no campo da comunicação, mas configura um ambiente cultural e simbólico que redefine profundamente os modos de percepção, interação e experiência religiosa. Como observa Castells³⁶, vivemos em uma sociedade em rede, na qual as dinâmicas de produção de sentido, autoridade e pertença são reorganizadas. Nesse contexto, a Igreja é interpelada a repensar sua presença, sua linguagem e suas mediações comunicativas. Surge, assim, o desafio de uma *ciberteologia*, entendida como uma reflexão teológica situada no horizonte das redes digitais, atenta aos impactos simbólicos, pastorais e epistemológicos da comunicação contemporânea³⁷.

3.1. A reconfiguração da experiência religiosa nas redes

A experiência religiosa, tradicionalmente vinculada a espaços físicos e a rituais institucionalmente estruturados, encontra-se hoje atravessada por novas formas de pertencimento, celebração e catequese mediadas pelo ambiente digital. Nesse contexto, como observa Spadaro, a presença da fé cristã na internet não pode ser compreendida apenas como extensão instrumental da pastoral tradicional, mas exige uma reconfiguração teológica e eclesiológica³⁸. Inserida na lógica da sociedade em rede descrita por Castells, a Igreja já não é chamada apenas a estar presente nas redes, mas a compreender-se como participante de um novo ambiente cultural, marcado por códigos próprios, temporalidades fluidas e formas inéditas de interação simbólica e comunicativa³⁹.

³⁶ CASTELLS, M., A sociedade em rede, p. 53-58.

³⁷ SPADARO, A., Ciberteologia, p. 22-17.

³⁸ CASTELLS, M., A sociedade em rede, p. 565-569.

³⁹ SPADARO, A., Ciberteologia, p. 55-60.

Nesse contexto, a Revelação divina, comunicada por meio de signos humanos⁴⁰, passa a circular em novas linguagens: vídeos curtos, imagens virais, transmissões ao vivo e *posts* nas redes sociais. A Palavra, antes ouvida no púlpito e proclamada na liturgia, agora ressoa também nos *Stories*, nos *feeds* e nos compartilhamentos. É um novo areópago⁴¹, onde a fé encontra os símbolos da cultura digital.

3.2. O papel das imagens e símbolos na evangelização digital

As imagens — já centrais na tradição cristã — assumem um protagonismo renovado no contexto digital. Ícones, arte sacra e gestos litúrgicos sempre funcionaram como veículos privilegiados da fé; hoje, memes, fotografias, vídeos curtos e montagens digitais passam a operar como novos signos religiosos no espaço da comunicação em rede. Trata-se de uma linguagem visual direta, afetiva e veloz, mas também marcada pela ambiguidade e pela polissemia. Isso exige discernimento: o símbolo cristão deve ser traduzido sem ser banalizado, e a imagem precisa mediar a experiência de fé sem reduzi-la ao espetáculo.

Como observa Ferrara, todo signo comunicacional atua como mediação simbólica, estruturando processos de significação, pertença e construção de identidade⁴². Desse modo, o uso das imagens na evangelização digital não pode ser compreendido apenas em termos técnicos ou estratégicos, mas revela uma dimensão profundamente teológica, na medida em que envolve um autêntico esforço de inculturação da fé nas linguagens visuais contemporâneas.

3.3. A Palavra que se faz “meme”? Riscos e possibilidades

A grande provocação é esta: a Palavra de Deus pode tornar-se um meme? Em certa medida, sim — se entendermos que a comunicação da fé assume as linguagens populares e compartilháveis do tempo presente. Contudo, não sem riscos. O meme é, por natureza, irônico, fragmentário e volátil; a

⁴⁰ DV 13.

⁴¹ RM 37.

⁴² FERRARA, L. D. A., A comunicação que não vemos: comunicação simbólica e religião, p. 37-45.

Revelação, ao contrário, exige profundidade, continuidade e fidelidade ao Mistério que comunica.

A reconfiguração do sagrado nas redes digitais requer, portanto, sabedoria pastoral e discernimento teológico. É necessário evitar dois extremos igualmente redutores: o tecnicismo que instrumentaliza a fé como produto de marketing religioso, e o tradicionalismo defensivo que recusa qualquer mediação linguística contemporânea. Como observa Martino, a comunicação digital não é apenas um conjunto de ferramentas, mas um ambiente simbólico que reorganiza percepções, vínculos e processos de significação⁴³. Nessa perspectiva, torna-se possível um uso crítico e simbólico das linguagens digitais, no qual a imagem favoreça a escuta e o meme não substitua o mistério, mas o provoque e remeta para além de si.

A Dei Verbum, ao afirmar que “Deus fala aos homens como amigos”⁴⁴, legitima toda forma de comunicação que se faça ponte e encontro. Evangelizar nas redes, portanto, não significa profanar o sagrado, mas estendê-lo; não é reduzir o Evangelho a slogans efêmeros, mas reconhecer, nas margens digitais da cultura contemporânea, novas Samarias sedentas da Palavra (Jo 4,1-2).

4. Convergências e tensões

O diálogo entre a teologia da Revelação e os paradigmas comunicacionais contemporâneos — especialmente no que diz respeito à imagem e à linguagem simbólica — produz uma tensão criativa e produtiva, que desafia a Igreja a manter-se fiel à Palavra revelada enquanto dialoga com os signos do tempo presente.

4.1. Palavra e imagem: uma tensão criativa

A Revelação cristã tem sua base na Palavra escrita, proclamada, escutada e transmitida⁴⁵. No entanto, ela não se limita à letra: desde os primeiros séculos, a Igreja reconheceu o valor da imagem como mediação teológica — dos ícones

⁴³ MARTINO, L. M., Comunicação e identidade, p. 41-45.

⁴⁴ DV 2.

⁴⁵ DV 1-6.

orientais às representações visuais do Evangelho, passando pelas expressões artísticas, musicais e litúrgicas que integram a tradição cristã.

A cultura contemporânea, porém, desloca o centro da comunicação para o visual. A imagem — sintética, emocional, viral — tende a suplantiar a palavra no processo de produção de sentido. Isso gera uma tensão: como preservar a densidade da Palavra diante da leveza e volatilidade da imagem digital? A Igreja, nesse contexto, é chamada a integrar o potencial comunicativo da imagem sem sucumbir à sua superficialidade.

4.2. Complementaridade entre a semiótica da fé e os códigos da cultura

A fé cristã é essencialmente simbólica: seus sacramentos, ritos, narrativas e dogmas são carregados de significados que não se esgotam no literal. A semiótica contemporânea — ao investigar signos, significantes e significados — pode oferecer ferramentas para uma compreensão mais profunda da linguagem teológica e de sua tradução cultural. Como afirma Martino os signos religiosos não são estáticos, mas vivem em tensão com os códigos da cultura — e é nesse encontro que nasce a interpretação viva⁴⁶.

Autores como Ferrara mostram que a mediação simbólica é inevitável em qualquer comunicação — inclusive a religiosa⁴⁷. Por isso, é possível uma complementaridade entre a semiótica da fé (a tradição hermenêutica da Igreja) e os estudos da comunicação contemporânea, desde que haja critério e discernimento.

4.3. Leitura espiritual dos signos contemporâneos

Dei Verbum, oferece um princípio hermenêutico decisivo: a Escritura deve ser lida “à luz do mesmo Espírito mediante o qual foi escrita”⁴⁸. Esse princípio pode ser ampliado para os novos contextos simbólicos: também os signos contemporâneos — imagens, narrativas, linguagens digitais — precisam ser lidos espiritualmente, à luz da fé e da Tradição.

⁴⁶ MARTINO, L. M., Comunicação e identidade, p. 67-70.

⁴⁷ FERRARA, L. D. A., A comunicação que não vemos, p. 63-66.

⁴⁸ DV 12.

Essa leitura espiritual dos signos não é antitética ao rigor acadêmico, mas o transcende e o orienta. Ela busca discernir, no meio da cultura visual e midiática, os ecos da Palavra, as interrogações existenciais, as formas renovadas de busca pelo sagrado. Aqui, a Igreja é chamada a um exercício constante de escuta, interpretação e discernimento — unindo exegese bíblica, sensibilidade pastoral e criatividade comunicativa.

Conclusão

A articulação entre *Dei Verbum* e a leitura semiótica contemporânea revela não apenas uma compatibilidade metodológica, mas uma oportunidade teológica e pastoral singular. Ao reconhecer que a Revelação divina se comunica “à maneira humana”⁴⁹, a Constituição conciliar legitima o uso das linguagens culturais — verbais, visuais, rituais e digitais — como espaços legítimos de mediação da Palavra de Deus. Neste horizonte, a teologia é chamada a exercer uma escuta atenta e interpretativa dos signos do tempo, sem perder seu enraizamento na Tradição viva da Igreja.

A leitura semiótica da Escritura, conforme explorado neste artigo, oferece uma via fecunda de atualização hermenêutica. Ela reconhece que a Bíblia é um tecido simbólico na qual o Verbo se comunica em signos múltiplos, abertos à interpretação espiritual e cultural. Essa abordagem não reduz o texto sagrado à análise estrutural, mas amplia sua inteligibilidade por meio da convergência entre fé, cultura e linguagem. O símbolo, como mediador do invisível, é reafirmado como categoria teológica essencial — capaz de iluminar tanto a Palavra escrita quanto as imagens contemporâneas que compõem o imaginário da fé.

Nesse sentido, os desafios da cultura digital e da visualidade contemporânea não devem ser encarados como ameaças, mas como apelos providenciais para uma renovação eclesial. A *ciberteologia*, ao reconhecer os ambientes digitais como novos espaços de vivência religiosa, exige da Igreja não apenas presença técnica, mas sabedoria simbólica, estética e pastoral. A imagem, o meme, o vídeo litúrgico ou a fotografia devocional podem — quando mediados por uma teologia da comunicação — tornar-se dispositivos

⁴⁹ DV 13.

sacramentais, capazes de evocar a presença do Mistério no cotidiano *hiperconectado*.

Por fim, o encontro entre *Dei Verbum* e a semiótica atual mostra que a fidelidade à Palavra não é incompatível com a escuta da cultura. Ao contrário, é nesse dinamismo entre tradição e inovação, texto e imagem, o literal e o simbólico, que a Revelação cristã continua a pulsar como Palavra viva. A hermenêutica proposta pelo Concílio Vaticano II não se limita ao passado: ela continua a nos interpelar, convidando-nos a discernir, à luz do Espírito, os novos caminhos pelos quais o Verbo deseja se fazer ouvir, ver e tocar. Assim, a missão da Igreja hoje é, como ontem, proclamar a Palavra. Mas também é decifrar os signos. E, sobretudo, é viver o Evangelho como linguagem do amor em todas as suas formas de mediação, a fim de que todos tenham vida em plenitude (Jo 10,10).

Referências bibliográficas

BACHA, Maria de Lurdes. As relações entre o pragmatismo e a ética. **Quaestio – Revista de Estudos em Educação**, v. 5, n. 1, p. 111-120, mai. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/1354>>. Acesso em: 14 dez. 2025.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

BLOG DO ACERVO. ‘Garota Napalm’: Como está a menina da foto que virou símbolo da Guerra do Vietnã, há 50 anos. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 08 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https%3A%2F%2Foglobo.globo.com%2Fblogs%2Fblog-do-acervo%2Fpost%2F2022%2F06%2Fgarota-napalm-como-esta-menina-da-foto-que-virou-simbolo-da-guerra-do-vietna-ha-50-anos.ghtml&ved=0CBUQjRxqFwoTCMDtvsrRwpEDFQAAAAAdAAAAAIAI&opi=89978449>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*: Constituição dogmática sobre a divina revelação. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Constituições, decretos e declarações**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 227–243.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**: introdução à pesquisa semiótica. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FERRARA, Luiz. D. A. **A comunicação que não vemos**: comunicação simbólica e religião. São Paulo: Paulinas, 2006.

GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo Agostini; CORRÊA LIMA, Maria de Lourdes. Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015. p. 201-235.

GREGÓRIO MAGNO. Comentário moral ao Livro de Jó (*Moralia in Iob*). São Paulo: Sacra Eulóquio, 2024.

GUIMARÃES, Alexandre. Uma foto vale mais que mil palavras: fotografia, religião e comunicação visual. In: MARTINO, Luiz Márcio. (Org.). **Mídia, religião e sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016. p. 39–56.

MARTINO, Luiz Márcio. **Comunicação e identidade**: quem você pensa que é? Petrópolis: Vozes, 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

PEDROSA, Vincent. Catequese Trinitária. In: SILANES, Nereo; PIKAZA, Xabier. **Dicionário teológico**: o Deus cristão. São Paulo: Paulus, 2021. p. 229-249.

PEIRCE, Chales. S. **Semiótica**. São Paulo: Ática, 2000.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1994.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **Inspiração e verdade da Sagrada Escritura**. São Paulo: Paulinas, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2025v6n12a04

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

José Aguiar Nobre

Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo / SP – Brasil
E-mail: nobre.jose@gmail.com

Chaybom Anttone Rufino

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Campinas / SP – Brasil
E-mail: chaybom.rufino@gmail.com

Rafaela Caroline Ferreira Braz

Mestrando em Letras na Universidade Estadual do Centro-Oeste
Guarapuava / PR – Brasil
E-mail: rafsbraz@gmail.com

Recebido em: 24/08/2025

Aprovado em: 26/12/2025